

OS CAMINHOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

THE PATHS OF INFORMATION SCIENCE

Deise Santos do Nascimento*

Gustavo Henrique de Araújo Freire**

RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão a cerca da Ciência da Informação, contextualizando o momento de sua criação enquanto área de conhecimento, focando nos eventos importantes que surgiram no período pós II guerra mundial. Analisa a expansão dessa ciência na sociedade da informação e as implicações a partir da inserção das tecnologias de comunicação da informação. Destaca a contribuição de outras ciências, na construção de suas teorias e na conceituação de seu objeto de estudo. Analisa a relação com a Biblioteconomia especificamente com os processos de organização e tratamento da informação, e expõe alguns teóricos que contribuem para a consolidação da área.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Informação. Fundamento da Ciência da Informação.

ABSTRACT

The article presents a reflection about Information Science, contextualizing the moment of its creation as a field of knowledge, focusing on the important events that have emerged in the post World War II. Analyze the expansion of this science in the information society and the implications from the inclusion of information communication technologies. Highlights the contribution of other sciences, in the construction of theories and concepts of their subject. Analyzes the relationship with the Library specifically with the processes of organization and information processing, and exposes some theorists who contribute to the consolidation area.

Keywords: Information Science. Information. Basis of Information Science.

1 INTRODUÇÃO

Descortinar os caminhos percorridos pela Ciência da Informação¹ desde o seu surgimento, é uma proposta instigante e ao mesmo tempo desafiadora. Essa ciência, que a maior parte dos estudiosos, aponta se iniciar num momento de tensão mundial, cresce vertiginosamente, torna-se uma das mais importantes para a sociedade, e desponta com estudos de alta relevância para o desenvolvimento científico e tecnológico, assim como, revela uma constelação de intelectuais, que com seus estudos e pesquisas em diferentes âmbitos, a torna uma das áreas de conhecimento mais procurada no meio acadêmico e de grande produção.

No contexto mundial, a Ciência da Informação, desde que foi criada nos anos 50, tem estado presente nas discussões e embates teóricos, que permearam as grandes questões mundiais, tratando do desenvolvimento da sociedade da informação e das tecnologias – principalmente as

¹ Segundo Araujo (2009, p. 200), os primeiros conceitos de Ciência da Informação surgiram na década de 1960 (TAYLOR, 1966; REES; SARACEVIC, 1967; BORKO, 1968), e possuem quase todos a mesma ideia. Destacam que a Ciência da Informação é uma ciência voltada para o estudo da produção, organização, armazenamento, disseminação e uso da informação. Nesse sentido, entendem a Ciência da Informação como uma disciplina voltada para os processos envolvidos com a informação – processos normalmente entendidos como processos técnicos, aplicados, de intervenção-.

tecnologias de comunicação da informação. De acordo com Barreto (2007, p. 22),

em 1946, um ano após o termino da segunda guerra foi realizada em Londres a “Royal Empire Society Scientific Conference”, onde se discutiu a importância da informação, mas que levou à realização em 1948 da Royal Society Scientific Information Conference. [...] O primeiro curso pós-graduação em de ciência da informação na The City University, anteriormente o Northampton College of High Technology, em 1952, foi criada pelo grupo dos cientistas da informação o Classification Research Group em 1962 no Georgia Institute of Technology.

A informação, objeto de estudo dessa ciência, é um elemento presente na humanidade, e em cada sociedade teve e tem um papel fundamental, que foi crescendo acompanhando o desenrolar da história e o surgimento de outras estruturas na organização social. A era da informação - como também é chamada essa sociedade -, traz infinitas possibilidades de produzir, armazenar e disseminar informação, isso porque, temos ao nosso dispor, tecnologias de ponta que foram pensadas e criadas com esse propósito e que, a cada dia se renovam ampliando ainda mais o leque de possibilidades para manusear a informação, seja ela de que tipo for.

Estamos vivendo um novo tempo, um novo momento, onde tudo é informação e tudo gera informação, parecendo até que “estamos nos afogando em informação”, (BURKE, 2012). Mas será que estamos aptos ao manuseio de tantas tecnologias, para absorver tantas informações? Responder a esse questionamento, também faz parte dos estudos evidenciados na Ciência da Informação, mas para tanto, é preciso dialogar com outras ciências, pois nesse questionamento, estão imersos outros fatores

que integram a condição social de cada um. Por essa razão, a Ciência da Informação transita, em relações interdisciplinares, com outras áreas do conhecimento que estudam a sociedade e os fenômenos que dizem respeito a ela, assim como, aos momentos transitórios vivenciados ao longo do tempo.

A Ciência da Informação é aberta ao diálogo, e esse aspecto, a torna mais atrativa e interessante, pois permite o cruzamento de ideias, a formulação conjunta de questionamentos, e a colaboração entre saberes para dar respostas aos anseios dos atores sociais. Tão necessária quanto outras ciências, tem apresentado caminhos através de diferentes linhas de pesquisa, que nos ajuda a compreender a sociedade.

No século XXI, em tempos globalizados, ela continua nos debates, cada vez mais importantes, na medida em que os sistemas sociais avançam e as tecnologias se transformam. É mais necessário do que nunca, manter essa ciência em atividade, alimentada pela produção de qualidade crescente e pelo número de cientistas da informação, que são formados pelos vários Programas de Pós-Graduação existentes em todo o mundo, e especialmente no Brasil, que apresenta um aumento no número de Programas em Ciência da Informação.

O crescente número de escolas e cursos de Ciência da Informação ratifica sua importância para essa sociedade e a sua produção, demonstra o alto nível dos profissionais que atuam nessa área. No Brasil, a Ciência da Informação, também expressa esse nível na qualidade, pois os programas de pós-graduação das universidades públicas tem conquistado o reconhecimento da comunidade científica internacional, assim como os eventos nacionais na área, como o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, que apresenta a cada edição, maior quantidade e de trabalhos apresentados, com cada vez mais qualidade

intelectual, como resultado de pesquisas na área. Contudo, também destacamos nesse artigo, a importante atuação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação - ANCIB, no reconhecimento da área no contexto nacional e mundial.

Assim, as concepções que serão apresentadas nesse artigo, foram instigadas na disciplina Fundamentos da Ciência da Informação, ministrada no Curso de Doutorado em Ciência da Informação, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, na Universidade Federal da Paraíba – PPGCI/UFPB, onde um dos autores é aluna, e desenvolve uma pesquisa de doutorado, que objetiva levar a sociedade, contribuições da Ciência da Informação, e assim ajudar no desenvolvimento social e sustentável de alguns atores sociais envolvidos com a pesquisa.

2 DO CAOS, A UMA NOVA CIÊNCIA

Não é nossa intenção aqui, teorizar em sua essência os eventos históricos que transformaram o mundo, mas não podemos deixar de abordar o momento pós-segunda guerra mundial, uma vez que foi determinante nas mudanças ocorridas na ciência, na formação da sociedade em curso, e no surgimento da Ciência da Informação. Assim, nossa reflexão se inicia revisitando o momento marcante da história, que deu ao mundo não apenas uma nova reconfiguração geográfica, mas também um novo modo de produzir conhecimento.

O período pós – II guerra mundial deixou para o mundo, imagens aterradoras de cidades arrasadas, nações devastadas e povos dizimados. Foi sem dúvida, o pior momento de destruição na história da humanidade, promovido por regimes políticos, que empenharam esforços para mostrar ao mundo sua capacidade bélica - forjada através do conhecimento científico e da ciência -, e do

que elas eram capazes. O conhecimento científico da época estava a serviço desses regimes políticos, suscitando novas possibilidades de ampliar o poder de destruição em massa e um exemplo disso, foi a produção e uso de armas químicas.

Entretanto, podemos afirmar que foi um momento de paradoxos, pois não fez apenas vítimas e destruição, mas também fez surgir um novo modo de pensar, e fazer ciência, e ao mesmo tempo em que o mundo tinha uma nova reconfiguração geográfica do ponto de vista físico, surgia também, novas possibilidades de eliminar barreiras e ultrapassar fronteiras, sem que houvesse deslocamento físico. Era um momento também de renascimento, e das cinzas de um mundo em guerra, como a Fenix, renasce a ciência.

O alívio para os sofrimentos causados pela guerra foram perseguidos através do uso intenso da ciência, assim como os esforços que começaram a ser empenhados em prol de uma paz mundial, que fez surgir a Organização das Nações Unidas – ONU e as demais instituições, que fazem parte dos órgãos intergovernamentais. Depois desse triste evento, havia uma consciência crescente no sentido de que, uma mobilização mundial era necessária para trabalhar em prol de um mundo mais justo e igualitário do ponto de vista econômico, no sentido de evitar grandes discrepâncias e desequilíbrios entre as nações, que pudessem levar a um estado de revolta e conseqüentemente, a outros conflitos dessa natureza e nas mesmas proporções que haviam sido a primeira e a segunda guerra mundial.

Mesmo assim, as duas grande potencias mundiais – Estados Unidos e URSS - desse momento continuam como protagonistas, duelando pela soberania de seus sistemas de governos - capitalismo e socialismo -, e assim promovem a chamada Guerra Fria, e a presença da ONU nesse momento foi muito importante, para fortalecer o diálogo entre as

nações, como uma via possível para se perseguir a paz tão desejada.

Dentre as certezas que se teve desse momento, uma delas foi que o homem podia fazer uso ilimitado da ciência, e esse foi um ponto alto para o conhecimento científico se renovar, e essa renovação se deu por vias tecnológicas, mais especificamente, como aponta Burke (2012, p.329), pela “era eletrônica e seus marcos: computador univac, aviões de espionagens U-2, microfichas, Arpanet, fotocopiadora, primeiro satélite meteorológico, microprocessador, satélites do Programa Americano de Espionagem, computador pessoal”, e nos diversos setores como: saúde, transporte, energia, comunicação e etc.

Acompanhando essa tendência, a URSS, lança o Sputnik, - primeiro artefato a ir ao espaço-, dando início não apenas a corrida espacial, mas fazendo com que os americanos repensassem as suas estratégias em relação ao desenvolvimento científico e tecnológico, principalmente ao desenvolver políticas de informação.

Mesmo que impulsionado pelos ideais de uma guerra, o desenvolvimento científico e tecnológico aconteceu, e com ele, à comunidade de intelectuais que estavam a serviço da ciência, foi ganhando notoriedade dos governos mundiais, que passaram a financiar o desenvolvimento de pesquisas. Até porque, mesmo com o fim da segunda guerra mundial, o clima que permaneceu era hostil, mas era preciso reconstruir as cidades e os países por onde a guerra passou, e essa era uma tarefa de caráter eminentemente emergencial, que necessitava do emprego de conhecimentos científicos e tecnológicos mais avançados, que desse aos gestores não apenas mais capacidade bélica numa futura guerra, mas que ajudasse a combater os malefícios, resultantes desse triste episódio histórico.

De um lado ou de outro dos continentes, as potências mundiais vão surgindo e com elas as disputas acirradas, para ver quem era detentora de mais progresso industrial e tecnológico. O fato é que não podia haver tais progressos, se não houvesse o desenvolvimento científico, pois era a ciência que estava subsidiando com suas teorias, o avanço tecnológico daquela época, e isso ficou visível a todos tanto na primeira quanto na segunda guerra mundial, quando muitas invenções foram testadas e depois aprimoradas com ajuda da ciência. Haja vista o que foi possível ao homem, com o desenvolvimento de artefatos e tecnologias que ampliaram o poder de se comunicar, como o radar, os computadores e a Arpanet, da qual se origina a internet.

Os conteúdos informacionais passaram a circular em maior quantidade e de modo mais rápido, em suportes que logo se tornam obsoletos ao passo que novas tecnologias foram sendo desenvolvidas, fazendo com que, fosse pensada a recuperação da informação dentro desse novo padrão tecnológico. Consequentemente, isso implica em organizar, tratar, e disseminar a informação por vias tecnológicas.

A mesma preocupação que havia naquele momento com a organização dos espaços físicos e sociais, também se fez no sentido de organizar o volume de informações produzidas nesse contexto, uma vez que ciências como a Química, a Cibernética, a Ciência da Computação e a Biologia - das mais estimuladas com financiamentos dos governos para produzir conhecimento – estavam promovendo a chamada “Terceira Revolução Científica” (BURKE, 2012), e fomentando a explosão informacional De acordo com Freire (2006, p. 11).

Na URSS, o principal indício é a criação, em 1952, do VINITI – Vserossiisky Institut Nauchnoi i Tekhnicheskoi Informatsii (All-Union Institute for Scientific and Technical

Information), vinculado à Academia de Ciências da Rússia, com a missão de prover informação para cientistas e especialistas nas ciências técnicas e naturais.

O desenvolvimento das técnicas e a automação ajudaram a encurtar distâncias e dinamizar processos nas indústrias, e rapidamente os contornos de um mundo agora tecnológico, foi surgindo. Mas, mesmo com essa evolução, “as descontinuidades que sempre existiram nas sociedades” Giddens (1991, p. 14), estavam presentes também na estrutura social pós-guerra. Nesse período, a UNESCO, é criada para dar continuidade aos idéias de cooperação internacional que já existiam pelos esforços do Comitê de Cooperação Internacional da Liga das Nações, e nomes que são referência na Ciência da Informação, como Vannevar Bush, vão tendo atuações de destaque junto a essa instituição (BURKE, 2012). Para Freire (2003, p. 12)

É Foskett quem nos lembra, entretanto, que as atividades ligadas à produção e gerenciamento da informação científica e tecnológica já tinham uma longa tradição na antiga União Soviética e nos países da Europa Central, onde centros nacionais de informação, como o VINITI, serviram de modelo (inclusive para os EUA) na organização de informação.

A crescente na produção de informação foi o ápice para se discutir o novo campo de estudo, que nasce com estímulos do pensamento modernista e com a influência de áreas de conhecimento, renomadas e consolidadas como ciências. Rapidamente, ela ganha vozes importantes, tanto nos Estados Unidos com Vannevar Bush, na União Soviética com Mikhailov e, na Europa com Paul Otlet, e assim se plasma, como uma área de estudo necessária, e de relevância social para a sociedade.

3 EIS QUE NASCE UMA CIÊNCIA: A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

No esforço de compreender as bases que fundamentaram a Ciência da Informação, concordamos com Freire; Freire (2010, p. 9) quando dizem que: “refletir sobre os fundamentos na Ciência da Informação, não é uma tarefa fácil, pois seu objeto de estudo a informação, é um fenômeno que não se prende facilmente a conceitos e teorias gerais, estando relacionado a todas as áreas do conhecimento e se moldando aos interesses de cada uma delas”. Desta forma, vamos nos esforçar para compreender através do olhar dos intelectuais da Ciência da Informação – CI, sua fundamentação basilar, assim como, assimilar os caminhos feitos por essa ciência, que hoje se expressa como uma área de conhecimento importante para a sociedade da informação.

Naturalmente, esse caminho foi sendo trilhado, seguindo os impulsos dados pelos eventos que aconteceram após os conflitos mundiais e pela reformulação no conhecimento científico e tecnológico, que também foram resultantes desse momento. A informação começava a emergir de forma cada vez mais latente como um elemento possível de ser estudado em sua essência, e na relação com outros elementos, tanto sociais quanto tecnológicos, levando os teóricos e pesquisadores da época a refletir sobre suas finalidades.

Nesse sentido, a Ciência da Informação apresenta um arcabouço de conhecimento amplo, que permite o estudo da informação e dos fenômenos a ela correspondentes, por diferentes vias de orientações e, em seus aspectos constitutivos ela encontra em diversas correntes teóricas epistemológicas, um caminho para responder a questionamentos que vão surgindo ao passo que ela vai se fortalecendo, e os desafios lhes são apresentados, nos eventos que foram acontecendo desde seu surgimento, como nos

apresenta Freire; Freire (2010 p. 41) no quadro a seguir.

Quadro 1: Eventos significativos nos primórdios da Ciência da Informação.

Ano	Evento Significativo
1948	<i>Conferência de Informação Científica, da Royal Society, em Londres.</i>
1950	<i>A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) promove em Paris, duas Conferências sobre Biblioteconomia e Documentação; Publicação do American Documentation, nos Estados Unidos, e do Nauchno-TekhnicheskayaInformatsiya, na URSS, ainda em circulação.</i>
1952	<i>Criação do VINITI, em Moscou (URSS); Publicação do ReferativnyiZhurnal (VINITI Abstracts Journal), ainda em circulação.</i>
1953	<i>Criação do Comitê para Treinamento de documentalistas da FID/TD</i>
1955	<i>Conferência Internacional Union onPureandAppliedChemistry, em Londres, sobre documentação em Química Pura e Aplicada.</i>
1957	<i>Lançamento do Sputnik – Reconhecimento do progresso científico da URSS, expresso na organização das atividades de informação científica”.</i>
1958	<i>Conferência Internacional de Informação Científica, em Wahington, organizada pela Academia Nacional de ciências (EUA); Publicação do artigo de Mikhailov sobre “finalidades e problemas da informação científica” (Boletim de la UNESCO para las Bibliotecas, v.13).</i>
1959	<i>Reformulação do FID/TD e nova denominação para Educação e Treinamento (FID/ET)</i>
1960	<i>Publicação de artigo de Farradane sobre o “futuro do trabalho de informação” (ASLIB Proceedings, v.12, n.5); Definição, pela FID, de políticas de atuação da entidade a longo prazo.</i>
1962	<i>Conferência de Especialistas em Ciência da Informação, no Georgialnstitute of Technology (EUA): a denominação Ciência da Informação torna-se prevalecente.</i>

Fonte: FREIRE; FREIRE, (2010, P. 41)

Foram constitutivas da Ciência da Informação, outras ciências importantes, com reconhecimento e notoriedade de seus trabalhos, considerados de alta relevância para a elite intelectual que abordava a informação como principal objeto de estudo. A Biblioteconomia e a Documentação são exemplos de áreas, que estão entrelaçadas com a história da Ciência da Informação, (LE COADIC, 1996). E mesmo que tenha havido um momento de conflito entre elas, que culminou com uma ruptura entre bibliotecários e documentalistas e com a sedimentação dessas ciências por vias diferentes, as questões pelas quais a Ciência da Informação se centra, confirmam essa relação.

Em face desta tensão entre as duas áreas, - a Biblioteconomia e a Documentação- e da influência de outras, é que talvez seja oriundo

o estereótipo que paira sobre a Ciência da Informação. Que seja ela uma ciência sem identidade própria. Outro fator que pode ser considerado a nosso ver é o fato da Ciência da informação, ser uma área que se diferencia de algumas outras áreas de conhecimento, por não dar ao cientista da informação um direcionamento específico e único.

A demarcação de uma identidade para a Ciência da Informação na perspectiva epistemológica é levantada ainda da década de 60, quando se discute a relação entre a Ciência da Informação e Informática, a partir do entendimento dos bibliotecários e documentalistas, que conduziam suas práticas à luz da interpretação dos soviéticos e dos franceses, que davam a essa ciência, um entendimento a cerca do fenômeno informação, tanto social como tecnicista ou mecanizado (GOMES, 1980).

Consequentemente, isso gerou uma celeuma conceitual e terminológica na Ciência da Informação, que tem alimentado as produções acadêmicas até os dias de hoje.

Para Freire; Silva (2012, p. 162), “a identidade é fruto de uma “marca estampada” no percurso histórico de qualquer área do conhecimento.” E, independente das discussões em torno de ter ou não uma identidade própria, ser uma área bem consolidada com conceitos bem definidos, a Ciência da Informação demarca espaço no mundo da ciência, mas como bem colocam Freire; Silva (2012, p. 162),

Os desafios epistemológicos que se apresentam à Ciência da Informação não são fáceis de serem abordados, por diversos motivos tais como: a diversidade de conteúdos, as opiniões diversas dos pesquisadores e grupos de estudo, assim como os investimentos em profissionais e materiais para o desenvolvimento das atividades de organização do conhecimento. Outro fator que pesa nesse contexto, é o fato de que a Ciência da Informação é uma ciência recente na longa história do conhecimento científico.

Paralelo às discussões, a informática desenvolvia *software*, para serem utilizados na recuperação da informação e as teorias matemática, sistêmica, de comunicação, iam fomentando a pluralidade de conceitos que emanavam, Borko (1968); Saracevic (1967); Wersing; Nevelling (1975); Capurro (2003) foram alguns dos teóricos, que primeiro formularam conceitos para essa ciência, fazendo sua associação a outras ciências, mostrando assim, que as influências dos ambientes onde a informação estava presente, outorgava a Ciência da Informação a inferir uma investigação, que passava necessariamente pelo dialogo com outras ciências, lhes conferindo o caráter interdisciplinar que tem.

Desde o seu surgimento, a Ciência da Informação esboça a característica de ser uma ciência interdisciplinar, e isso se configura através do seu objeto de estudo e da sua relação com as tecnologias. As informações, seja em que contexto for, precisam ser processadas, organizadas e tratadas, levando em conta a democratização do acesso à informação e para que isso aconteça, é necessário ser interdisciplinar em suas ações e em suas pesquisas, assim como, nos resultados que elas apresentam. “Borko resume as características fundamentais da nova disciplina científica: interdisciplinaridade, forte inter-relação entre teoria prática, interface com outros campos científicos” Freire; Freire (2010, p. 42). Saracevic (1996, p. 43, grifo nosso) aponta também três características que considera ser a razão da existência e da evolução da Ciência da Informação, são elas:

Primeira, a Ciência da Informação é por natureza interdisciplinar, embora suas relações com outras áreas estejam mudando. A evolução interdisciplinar está longe de ser completada;

Segunda, a Ciência da Informação está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação. O imperativo tecnológico determina a Ciência da Informação, como ocorre também em outros campos. Em sentido amplo, o imperativo tecnológico está impondo a transformação da sociedade moderna em sociedade da informação, era da informação ou sociedade pós-industrial.

Terceira, a Ciência da Informação é, juntamente com muitas outras disciplinas, uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação. A Ciência da Informação teve e tem um importante papel a desempenhar por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia.

Refletir essa relação interdisciplinar no contexto atual implica necessariamente, continuar a olhar também, através da lente de ciências como; a Computação, a Comunicação, e a Sociologia, que são campos científicos com os quais já existe uma relação, mas que passaram por mudanças expressivas, assim como a Ciência da Informação. É natural que se a Ciência da Informação tem suas bases fundamentadas na Biblioteconomia, que é uma ciência que trata de aspectos funcionais da informação, ou seja: registro, organização, tratamento, acesso, uso e disseminação, e se a Ciência da Computação chega com propostas tecnológicas que dão outras dimensões a esses aspectos, mais do que nunca essas duas ciências precisam se aproximar e manter um diálogo constante.

O mesmo acontece em relação à Comunicação e a Sociologia. As formas de se comunicar, de transmitir informação são outras e estão alicerçadas nas tecnologias, e isso é um fato nessa sociedade. Concomitantemente as relações sociais apresentam mudanças em diferentes contextos, também por reflexo do momento tecnológico e a Ciência da Informação, não deve se furtar a uma relação interdisciplinar com essas e com outras ciências.

Para Pinheiro (1999, p.156), a Ciência da Informação “parte do reconhecimento de sua interdisciplinaridade, de sua natureza social forte e profundamente relacionada à tecnologia da informação e do novo papel da informação na sociedade e na cultura contemporânea, características essenciais da área”. Capurro (2003), por sua vez, expressa que a Ciência da Informação “tem por assim dizer, duas raízes: uma é a biblioteconomia clássica ou, em termos mais gerais o estudo dos problemas relacionados com a transmissão de mensagens, sendo a outra a computação digital”.

As fundamentações filosóficas e investigativas da Biblioteconomia ajudaram a Ciência da Informação, a se firmar como ciência social, e conduz Capurro à concepção dos paradigmas epistemológicos, como possibilidades possíveis, para se pensar a informação dentro desse campo do conhecimento. (CAPURRO, 2003). Os estágios paradigmáticos propostos pelo autor – o físico, o cognitivo, e o social – permitem que a Ciência da Informação perpassa da materialidade da informação, passando pela cognição do sujeito, enquanto ser pensante, capaz de produzir informação e gerar conhecimento, até chegar às práticas sociais. Em relação a essa questão dos paradigmas, Mateus (2005, p. 19) diz que:

Capurro afirma que cada novo paradigma surge como uma crítica ao paradigma anterior e diz em relação à passagem do paradigma físico para o cognitivo que: “Não é de se estranhar que os limites dessa metáfora [Teoria Matemática da Comunicação] hajam conduzido ao paradigma oposto o cognitivo”. O paradigma social igualmente teria surgido como crítica ao paradigma cognitivo devido à “[...] visão reducionista que é criticada por Bernd Frohmann, que considera o paradigma cognitivo não só como idealista, mas também como associal”.

Ao refletir sobre os paradigmas, observamos que na verdade há uma relação de completude entre eles, e que o surgimento de um, não implica no desaparecimento do outro, uma vez que a informação está presente em todos eles, gerando conhecimento coletivamente, e fazendo a ciência de um modo geral ser repensada e especialmente, a Ciência da Informação ser reavaliada com certa frequência, como podemos conferir através dos produtos acadêmicos, como os periódicos científicos da área, que disseminam o conhecimento produzido na Ciência da Informação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência da Informação como uma das mais novas ciências a ser criada, tem atraído pela sua história, cada vez mais intelectuais, interessados em compreender seu objeto de estudo, a informação. Num movimento constante de mudanças paradigmáticas, que integra a informação, o conhecimento e as tecnologias - particularmente, as que promoveram novas práticas de registro, organização, acesso, uso, e disseminação da informação, e também, outras possibilidades de comunicação do conhecimento -, foram sendo definidos conceitos diversos para essa ciência, a partir dos contornos que eram formados pelo olhar diferenciado de intelectuais americanos, russos e europeus.

Outras áreas de conhecimento, como a biblioteconomia, que já investigava a informação em seus estudos, também forneceu insumos para sua sedimentação e desse modo, é reconhecida como parte constitutiva dessa ciência, pois contribuiu para firmar o caráter interdisciplinar, que a Ciência da Informação apresenta como evidencia suas produções e o enfoque epistemológico nela contido.

Sendo a Ciência da Informação uma ciência social aplicada, ela transita muito bem teoricamente, com as ciências de cunho humanista e tecnológico, como a; Ciência da Computação, a Sociologia e a Filosofia, e a relação estabelecida entre elas, nos ajuda a compreender a natureza da informação assim como, sua aplicação nos diferentes campos do conhecimento.

Para a sociedade da informação, as contribuições que a Ciência da Informação, tem dado não se limitam aos interesses apenas da área, exatamente pela relação interdisciplinar que ela esboça, principalmente porque essa sociedade tem uma presença forte das tecnologias e a circulação e o uso intenso de informação é constante pelos atores sociais. Há, sem

dúvida, a necessidade de se continuar investigando a informação, contudo, deve-se salientar que essas ações devem ser direcionadas a dar respostas aos anseios sociais e isso, naturalmente, ratifica a importância dessa ciência para todos os contextos, seja; social, cultural, econômico, político ou jurídico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes Teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.192-204, set/dez., 2009.

_____. Condições Teóricas Para a Integração Epistemológica da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia na Ciência da Informação. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 19-41, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/incid/article/view/55/pdf>>. Acesso em: 07 de jul de 2013

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma história da ciência da informação. In. TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão. **Para entender a Ciência da Informação** (Org.) Salvador : EDUFBA, 2007, p. 13-34.

BURKE, Peter. **Uma Historia Social do Conhecimento II**: da Enciclopédia à Wikipédia. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em 07 de jul. 2013.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo; FREIRE, Isa Maria. **Introdução à Ciência da Informação**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 2010.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo; SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. A configuração do campo da Ciência da Informação: marcas de uma identidade. **Informação e Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.22, p. 161-174, número especial, 1012.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectiva em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v.11 n.1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

FROHMANN, Bernard. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M.S.L., MARTELETO, R. M., LARA, M.L.G. de. **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica Ed.; Marília: Fundepe Ed., 2008, p. 17-34.

GOMES, Hagar Espanha. (Org). **Ciência da informação ou informática**. Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 53-69. (Série Ciência da Informação).

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexión epistemológica sobre la ciência de la información. **Signo y Pensamiento**. Bogotá. v. 26, n. 50. p. 46-61. ene./jun. 2007.

GUIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

LECOADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MATHEUS, Renato Fabiano. Rafael Capurro e a Filosofia da Informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10 n. 2, p. 140-165, jul./dez. 2005.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Campo Interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In _____. **Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. p. 155-182.

RABELLO, Rodrigo. A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugar de encontro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n.1, p.2-36, jan./mar. 2012.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

Dados sobre Autoria

*Professora Assistente no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará - Campus Cariri; Discente no Curso de doutorado do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação- PPGCI/UFPB.
E-mail: deiseatenas@gmail.com

**Professor do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação- PPGCI/UFPB.
E-mail: ghafreire@gmail.com